

SÂNDI VOCÁLICO EXTERNO: DEGEMINAÇÃO E ELISÃO

LEDA BISOL
UFRGS/PUCRS

Este artigo, que versa sobre aspectos do sândi vocálico externo no português do Brasil, desenvolve-se em torno de duas idéias: a de que o ponto de partida para o sândi externo é um processo de ressilabação que envolve duas palavras sob o domínio do mesmo enunciado e a de que, quando essas palavras se encontram e a seqüência VV se delinea, independentemente do resultado que venha a provocar, degeminação ou elisão, a sílaba que se forma é incorporada à pauta prosódica do vocábulo seguinte.

Com fundamentos em Clements and Keyser (1983), Nespor & Vogel (1983), Nespor (1987) e Mascaró (1989), admite-se que a estrutura básica para todos os processos de sândi vocálico é similar à do ditongo, entendido esse, na subjacência, como duas vogais sob o domínio da mesma sílaba.*

1. A DEGEMINAÇÃO (DG)

Os casos aqui estudados incluem qualquer seqüência de vogais idênticas, abrangendo exemplos do seguinte tipo:

- (1) menina] [alegre > meni[nalegre
a+a
leque] [escuro > le[quiscuro
i+i
vejo] [usinas > vej[usinas
u+u

Um dos traços que caracteriza o português do Brasil é a existência de uma pauta pretônica bem definida de cinco vogais, versus uma pauta átona final de apenas três vogais. Levando-se em conta a relação "quanto mais fraca a posição, maior o

* Agradeço os comentários da versão original deste artigo a Celso Luft, Leo Wetzels e Marina Nespor. Também agradeço a meus colegas do Projeto da Gramática do Português Falado, com quem a proposta inicial foi discutida, em uma das sessões, com vistas à análise de dados do Projeto.

número de reduções vocálicas", duas posições átonas contrapõem-se: a da pretônica, a menos fraca e a da átona fina, a mais fraca de todas. As pretônicas, relativamente fortes, com pauta de cinco vogais, /a,e,i,o,u/, assemelham-se às tônicas que, em número de sete constituem o sistema vocálico pleno, /a,E,e,i,u,o,O/, enquanto a átona final, sujeita a mais reduções, fica restringida a variantes de três vogais /a,e,o/, o mais das vezes realizadas como [ɨ, ʊ, ɐ]. Entre elas se coloca a átona não-final das palavras proparoxítonas, que não está em jogo neste artigo.

O sistema pretônico claramente definido tem sido apontado como uma das características que distinguem o português brasileiro (PB) do português europeu (PE). É que em PE todas as vogais em sílabas abertas átonas tendem a sofrer redução, independentemente de sua posição pretônica ou postônica, enquanto em PB esse processo de redução se limita às posições pós-tônicas. Brandão de Carvalho (1989:412-20), que a isso se refere, expõe exemplos do seguinte tipo:

(2) a.	b. PE	c. PB
avelã (nome)	[ɐ]velã	[a] velã
a avelã (artigo+nome)	[a]velã	[a] velã
a cidade (artigo+nome)	[ɐ]cidade	[a] cidade
à cidade (artigo e prep. +nome)	[a]cidade	[a] cidade

Os dados analisados neste estudo revelam que a sílaba resultante do sândi externo, em que originariamente se encontravam duas variantes diferentes, átona final + átona inicial, por exemplo [ɐa], não apresenta a sua vogal reduzida, típica da átona final, mas ao contrário apresenta, como em (2c), uma vogal com as características plenas, peculiar à tônica e à pretônica do português do Brasil.

Diante disso tomamos por afirmação básica que a sílaba submetida ao sândi externo incorpora-se à pauta prosódica do vocábulo seguinte, manifestando-se com as características fonológicas de vogais de posições fortes (pretônica ou tônica). A isso nos referiremos no decorrer deste trabalho como um princípio de língua específica, expresso por (3).¹

(3) Reestruturação rítmica em fronteira vocabular

Sílabas criadas por sândi externo ficam no domínio do acento do vocálico seguinte.

¹ Parece que a clitização tende a ser regida por esse princípio, uma vez que a próclise pronominal é uma característica do português de Brasil. Neste sentido, os casos de ênclise, que também ocorrem, sobretudo na escrita, constituiriam resquícios do sistema herdado. Há a notar, por outro lado, com respeito aos clíticos, que existe a possibilidade de considerá-los como sândi interno.

As questões que se levantam são do seguinte teor: É a degeminação um processo de fusão ou apagamento? Se apagamento, qual a vogal que apaga? Está essa regra, seja apagamento ou fusão, sujeita a restrições? Por outro lado, é a elisão, em se tratando da vogal baixa, uma regra também sujeita a restrições?

1.1- O ponto da derivação onde o processo ocorre

Começemos pela degeminação. A degeminação de VV necessariamente tem de estar envolvida com a estrutura silábica, pois se trata do desaparecimento de uma sílaba, por um processo de ressilabação. A relação entre silabação inicial e não-inicial (ressilabação) pode ser apreciada no seguinte exemplo:

(4) compra arroz	['kõ ^m prɛa'ros]
'koN pra a 'ros	
CVC-CCV-V-CVC	1ª silabação (4 sílabas)
'koN pra 'ros	DG
CVC-CCV-CVC	2ª silabação (3 sílabas)

Se o ponto inicial é a simplificação de duas sílabas que se convertem numa só, o processo em pauta está diretamente relacionado a elementos da estrutura subjacente, representados na linha do esqueleto prosódico por C ou V, ou mais abstratamente por X.

1.2- Domínio de aplicação

Uma das características da DG é que ela ocorre em qualquer ponto de uma sentença: na combinação de dois vocábulos dentro de orações, entre orações ou sentenças, desde que sejam atendidos os requisitos nos seguintes termos estabelecidos:

(5) Condições pragmáticas de estruturação de enunciado (Nespor 1989:65):

- a. *As duas sentenças devem ser pronunciadas pelo mesmo falante.*
- b. *As duas sentenças devem ser dirigidas ao mesmo interlocutor.*

(5') Condições fonológicas de reestruturação de enunciados

- a. *As duas sentenças devem ser relativamente curtas.*
- b. *Não deve haver pausa entre as duas sentenças.*

A degeminação em estudo está relacionada à combinação de dois vocábulos fonológicos, i.é, palavras independentes quanto ao acento, definidas por Nespor & Vogel, (1986:109) como a categoria que domina imediatamente o pé.

Não importa a classe lexical envolvida, importa que os vocábulos fonológicos estejam sob o domínio de uma categoria prosódica mais alta, seja a imediatamente superior, a frase fonológica, seja a mais alta de todas, o enunciado. Exemplos estão postos em (6):

(6) verbo+substantivo	...comia +arroz à vontade [ko'miɐ + a'ros]
advérbio+verbo	...porque eu vivo praticamente+ insistindo... [pratʃika'mẽntʃi + insis'tiʃindu]
Substantivo+adjetivo	...parte+indígena... [partʃi + ʃn'dʒizina]
oração+oração	...escreve+enquanto medita. [is'krɛvi + ʃn'kw ɛntu]
sentença+sentença	Sente. Espere a sua vez. [s'ẽntʃi + is'pɛriyaswa'ves]

No interior do vocábulo, a degeminação pode ser causada pelo acréscimo de um morfema flexional como (7a) exemplifica. Compostos em que a idéia de composição foi perdida são favorecidos pela degeminação (7b). É nos níveis da composição do tipo (7c) e da prefixação, que formas variantes são encontradas.

- (7) a. irmaN+a > irmã > irmã (fem. opõe-se a irmaN+o > irmão, masc.)
 b. aguardente < água +ardente
 viandante < via + andante
 c. verde- escuro [ʃ'verdʒis'kuru ~ 'verdʒis'kuru']
 patria- amada [p'atrya: máde ~ pàtryamáde]
 d. coordenar [koordinár ~ kordenár]
 reescrever [reeskrevér ~ reskrevér]

Ainda que nossa atenção esteja voltada para a juntura externa, é de esperar que os mecanismos aqui descritos se estendam aos casos refletidos em (7).

Os dados indicam, pois, que na juntura externa, DG ocorre entre dois vocábulos cuja extensão máxima pode ser uma frase fonológica ou um enunciado, entendido esse como o maior constituinte na hierarquia prosódica, assim delimitada: vocábulo fonológico, frase fonológica, frase entonacional e enunciado. (cf. Nespor and Vogel, 1986).

1.3- Restrições rítmicas

A questão que se coloca é se existe alguma restrição quanto a ser ou não acentuada uma das vogais da seqüência, pergunta que nos fazíamos no início deste trabalho. Vemos que DG ocorre se ambas as vogais são acentuadas (8a) ou se a segunda

leva acento (8b) mas ocorre, se ambas não levam acento (8c) ou se apenas a primeira é acentuada (8d). Ainda que o último caso não seja muito frequente, exemplos não faltam. Não há, porém, nenhum caso de degeminação, quando a primeira vogal da segunda palavra porta o acento primário a nao ser que esse acento venha a ser enfraquecido por razões prosódicas ou rítmicas.

(8) a. Não se aplica:

Está hábil
Será áspero com você.
Perdí isso

b. Não se aplica

Muita área desocupada
E uma menina álta
Era filho(u) único

c. Aplica-se

O meu problema agora é...
Frutas que eu nunca havia visto.
A gibóia, parece que ela ataca quando...

d. Aplica-se

...obriga os dedos a ficá amontoados uns nos outros (ficar)
...assití incabulado... (assisti encabulado)
Perdí ispaco e direito de defender-me (perdi espaço)

Os exemplos mostram que DG não faz restrição à primeira V acentuada. Casos de DG com a segunda V acentuada parecem inexistentes ou são esporádicos. Embora não tenhamos feito um levantamento estatístico, é facilmente verificável que sua aplicação é muito geral, quando ambas as vogais são inacentuadas mas menos geral quando a primeira vogal leva acento. Note-se que a duração ou alongamento da vogal equivale à presença temporal de duas vogais, significando que, quando tal fato se dá, não há degeminação. Observe-se ainda que uma segunda V com acento pode ficar sensível ao processo se esse acento for perdido ou convertido em secundário por extensão da unidade prosódica. Assim de *como úva* [kómu úva], não se faz *[komúva] mas *como uva madura* pode manifestar degeminação [komùva madúra] ~ [kòmuva madúra].² Neste caso o acento principal recai sobre a última sílaba, convertendo-se em secundário ou desaparecendo o que incide na sílaba *mu*. O que inibe a regra é, de fato, uma segunda vogal com acento primário.

Do exposto se depreende que o processo se manifesta com aplicação gradiente.

² Agradeço a Dinah Callou esse exemplo.

(9) Aplicação gradiente

- a - DE tende à aplicação geral no contexto de V átona + V átona
- b - DE opera, opcionalmente, no contexto de V acentuada + V átona.

Mas a informação importante aqui é que dos exemplos acima emerge a resposta à questão levantada. Semelhantemente ao que ocorre no italiano (Nespor, 1987), em português a degeminação faz restrição ao acento da segunda vogal. No entanto, porque esta restrição também existe para a elisão, como veremos mais adiante (cf.23), admitimos que se trata de uma restrição do processo de ressilabação que dá início a fenômenos de sândi externo.

1.4- Fusão ou apagamento?

Interpretar a degeminação como um caso legítimo de fusão de segmentos idênticos, efeito do princípio do contorno obrigatório (OCP)³, sob a condição de não estar acentuada a segunda vogal, parece problemático, uma vez que as vogais que se encontram têm, consideradas as palavras isoladamente, traços fonéticos diferentes, oriundos da diferença de pauta prosódica. Da combinação de qualquer timbre de vogais átonas que pertencem à mesma categoria na subyacência, seja [a], seja [i] e outras resulta a vogal de timbre relativamente mais forte (cf.2). Isso permite sejam esses casos interpretados como apagamento da vogal mais fraca. Todavia nós partimos do pressuposto de que os fenômenos de sândi externos são governados pela ressilabação, que automaticamente ocorre quando se encontram palavras que formem em suas fronteiras a seqüência VV, independentemente da categoria das vogais. Quando a ressilabação acontece, em se tratando de vogais da mesma categoria, as diferenças fonéticas provenientes das diferentes posições que ocupavam, na palavra, as sílabas em que estavam anexadas, desaparecem. Perdido o limite entre as duas palavras, perdem-se as variantes posicionalmente condicionadas. Isso permite sejam esses fatos interpretados como fusão.

Em qualquer exemplo que tomemos *casa amarela*, *casaco(u)usado*, *compra arroz*, a parte sublinhada oferece condições para que seja criada a estrutura inicial de um processo de sândi, supondo-se que as duas palavras sejam pronunciadas sem pausa, como parte de uma unidade prosódica maior, frase fonológica, frase entonacional ou enunciado.

Se a fusão, que é sustentada por um dos princípios da teoria, (OCP), explica o fato, a possibilidade de interpretá-lo como regra de apagamento, fica excluída, em

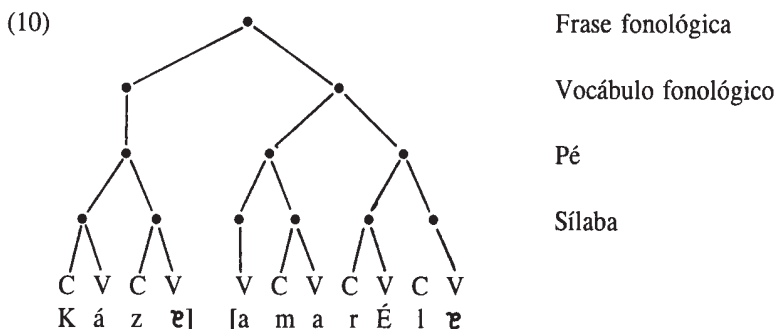
³ OCP, o princípio do contorno obrigatório, que é atribuído a Leben (1973) e a Goldsmith (1976) explica certos problemas da fonologia tonal. Trata-se da proibição de seqüência de autosegmentos idênticos na linha tonal. Depois foi estendido para a fonologia não-tonal como um filtro sobre a estrutura autosegmentalizada dos morfemas.

função da generalidade que aquela lhe empresta. Com isso desaparece a indagação sobre qual a vogal apagada.

Entendido, pois, como reestruturação silábica o ponto inicial de um processo de sândi e a degeminação como fusão, passemos à representação das diferentes fases.

1.5- Os mecanismos operacionais

Parece que agora já temos elementos que permitam começar a pensar nos processos em que a degeminação está envolvida e conseqüentemente na sua estrutura básica. O ponto de partida é a seqüência de duas sílabas que pertencem a vocábulos diferentes sob o domínio da uma unidade prosódica maior. Quando segmentos vocálicos ocupam as posições de fronteira de dois vocábulos fonológicos em unidades sintáticas com pauta prosódica definida, a estrutura inicial de todos os processos de sândi vocálico externo está pronta. Tomemos para exemplificar a frase: *casa amarela*.



Estabelecida a estrutura prosódica, derivada da estrutura sintática, as sílabas, respectivamente a última e a primeira dos vocábulos *casa* e *amarela* oferecem a estrutura inicial apropriada para um processo de sândi externo.

Partindo-se do pressuposto de que o processo de ressilabação em pauta é motivado pelo encontro de duas palavras, cujas fronteiras põem em contato a vogal final da primeira e a inicial da segunda (V][V), duas alternativas se colocam: a) se as vogais são idênticas, o processo de ressilabação mexe primeiramente com o pico silábico, pois o princípio do contorno obrigatório provoca a fusão das melodias, e em conseqüência a simplificação silábica. Somente depois de organizados os picos, o ataque é incorporado; b) se as vogais forem diferentes, a primeira operação, de acordo com os princípios de silabação, (cf. Mascaró, 1989:38), forma o ataque ("onset"), já marcados os núcleos pela escala de sonoridade como picos silábicos. Atendendo ao princípio de língua particular (3), este processo de simplificação de sílabas faz permanecer o segundo pico de sonoridade, a cujo nóculo silábico, o ataque da sílaba perdida se anexa. Como dizíamos, em virtude de tanto a degeminação quanto a elisão apresentarem um bloqueio à aplicação da regra, que é a segunda vogal com acento primário, interpretamos isso

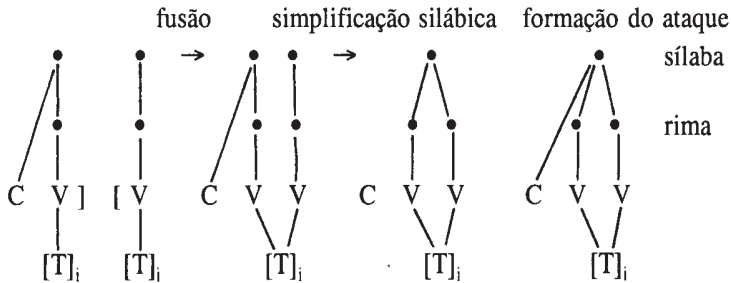
como uma restrição ao processo de ressilabação, primeiro passo do processo. Vejamos agora, em se tratando de vogais idênticas, a primeira alternativa:

(11) Ressilabação (primeira alternativa)

Simplificação de sílabas

Condição: Não incidir sob a segunda V o acento primário

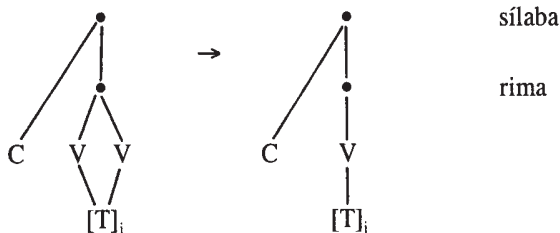
Domínio: Unidade prosódica maior que a palavra



Neste caso, o Princípio do Contorno Obrigatório, que funde no nível melódico as vogais idênticas, é o que dirige a ressilabação, reduzindo as duas sílabas a uma só e desencadeando o processo de degeminação. A incorporação do ataque ('onset') somente se dá depois de estabelecido o núcleo.

No segundo momento, uma regra de encurtamento reduz a uma só unidade temporal as duas posições de V na linha prosódica, completando o processo de degeminação:

(12) Encurtamento



Recapitulando, a perda do limite silábico cria geminadas, as quais têm, como a literatura vem ilustrando, propriedades que as fazem comportar-se por vezes como dois elementos, por vezes como um só. A fonologia autosssegmental capta essa característica por meio do Princípio do Contorno Obrigatório, comumente referido como OCP, assim expresso:

(13) No nível melódico, elementos adjacentes idênticos são proibidos.

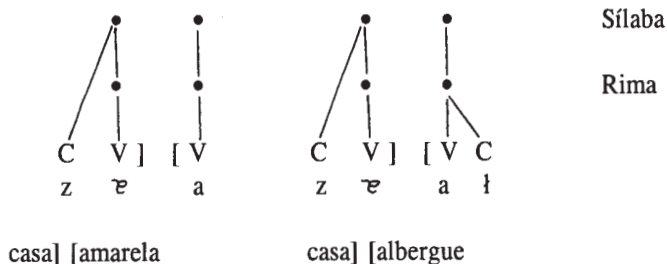
A degeminação compreende, pois, duas regras, a ressilabação (11), como consequência do Princípio do Contorno Obrigatório e a regra de Encurtamento (12), que é propriamente um processo de simplificação temporal, no sentido de dois tempos na linha prosódica serem substituídos por um tempo só, pois no português, como em outras línguas romances, vogais longas inexistem.

Na verdade, esse mecanismo de fusão de elementos idênticos com repercussões estruturais é, segundo Wetzels (1986), regido pelo Princípio da Fusão Nuclear, uma das manifestações do Princípio do Contorno Obrigatório. Embora Odden (1988) tenha afirmado que em derivações que ficam fora da base ("core") lexical, esse princípio, comumente referido por OCP, é linguagem-específica, o Princípio da Fusão Nuclear de Wetzels declara, ao contrário, que existe uma parte do Princípio do Contorno Obrigatório que é universal também em derivações, pois, quando duas vogais idênticas se encontram na mesma sílaba, ele naturalmente opera em todas as línguas. É independentemente motivado em português, que não possui vogais longas.

Consideremos agora comparativamente as frases *casa amarela* e *casa albergue*, tomando apenas as sílabas envolvidas, mas levando em conta o fato de que as duas palavras estão sob o domínio de uma unidade prosódica maior, a frase fonológica.

(14) Cas[za]marela cas[zal]bergue
 casa amarela casa albergue

a. Estrutura inicial

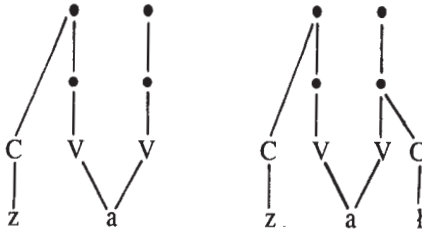


Essa estrutura, se mantida, origina o hiato, definido como seqüência de dois núcleos silábicos. A partir daí as operações possuem, produzindo-se outras realizações de uso mais geral:

(15) Perda de fronteira e Fusão (primeira operação, motivada por OCP)

Sílaba

Rima

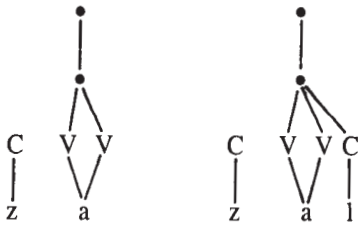


ca [z a:]marela

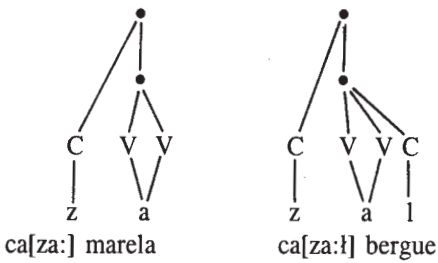
ca[za:l]bergue

(16) Ressilabação

a. Simplificação silábica



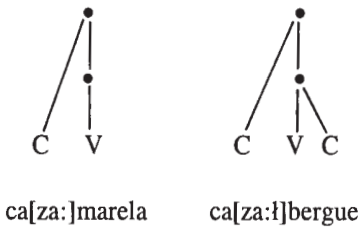
(17) Reassociação: incorporação do ataque



ca[za:]marela

ca[za:l]bergue

(18) Encurtamento



ca[za:]marela

ca[za:l]bergue

No final do processo, como vemos, a vogal ligada a duas unidades temporais fica reduzida a um tempo só, o resultado esperado em português, que não possui vogais longas.

1.6- A reestruturação rítmica

Toda vogal pretônica tem o status de vogal tensa *limpeza, repolho, boneca, buraco*. Toda vogal átona final tem o status de vogal não tensa *leque, bolo, casa*. Entretanto da fusão das vogais átonas finais de pauta prosódica fraca com a vogal alta da sílaba seguinte, resulta uma vogal peculiar às posições prosódicas fortes (pretônica ou tônica), de acordo com o exposto. Isso é decorrente do processo de ressilabação, representado em (11) que se dirige por um dos princípios da prosódia do português do Brasil expresso em (3), que põe a sílaba resultante sob o domínio acentual da palavra seguinte.

(19) a gente esquece logo

/ a žeNte eskEse lOgo/

[a 'žěntši is'kEsi 'lOgu/ (sem sândi)

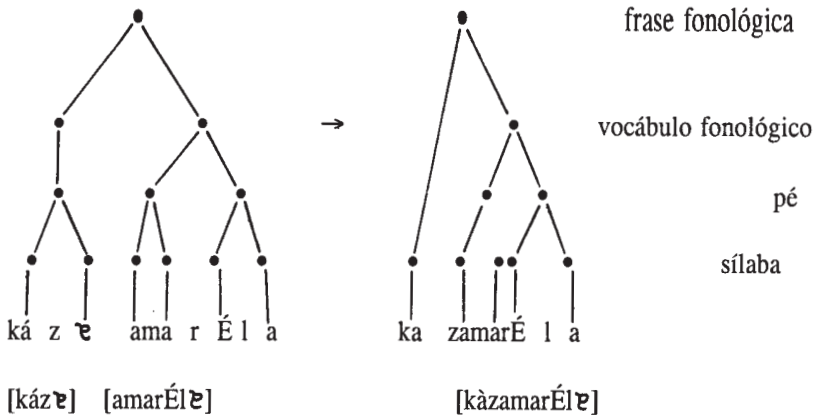
[a 'žěn tšis 'kE si 'lOgu/ (com sândi)

Em português, a consoante de coda do vocábulo precedente transforma-se em ataque da primeira sílaba do vocábulo seguinte, se essa começar por vogal. Em dialetos populares, a concordância cria, por esse procedimento, formas novas:

(20) meus amor(es)	→	meu zamor
meus olho(s)	→	meu zolho
meus arreio(s)	→	meu zarreio

Nestes casos apenas a consoante é carregada para o vocábulo seguinte. Em outros, como na degeminação, a sílaba inteira muda de lugar, submetendo-se ao domínio do acento primário do segundo vocábulo. Isso pode ser apreciado em (21), admitindo-se que o português organiza pés binários a partir da borda direita da palavra.

(21)



E assim damos por finda a descrição do processo de degeminação.

2. ELISÃO (EL)

É de uso geral em PB a regra que elide a vogal baixa átona **a** diante de outra vogal, embora tudo indique seja de ocorrência maior, com tendência à regra geral diante de vogal posterior e de ocorrência menor diante de vogal frontal. Em outros termos, EL tem aplicação gradiente, como costuma acontecer com muitas regras pós-lexicais:⁴

(22) Aplicação gradiente:

- a. El aplica-se de modo geral, com tendência à regra categórica, quando a vogal seguinte for posterior.
- b. El aplica-se opcionalmente quando a vogal seguinte for frontal.

2.1- Domínio de aplicação

Esta regra que opera entre palavras, independente de categorias, assim como entre orações ou sentenças, parece oferecer restrição ao apagamento do clítico **a** na categoria de artigo ou preposição. Vale observar, no entanto, que em se tratando dos monossílabos citados, estamos diante de juntura interna.

⁴ Elisões de outras vogais também podem ocorrer, mas não têm, no sândi externo, o caráter geral que a apresenta. Por certo seguirão os mesmos passos aqui descritos. Ver Souza da Silveira (1957).

(23)

a. Aplica-se

(substantivo + adjetivo)	...eles não oferecem merenda escolar
	...tem maior resistência orgânica
(pronome + verbo)	...depois ela entrou na católica
(advérbio + pronome)	...agora ela foi à escola
(verbo + clítico)	Meu pai achava um absurdo
(verbo + adjetivo)	O animal era usado como meio de transporte
(oração + oração)	Minha mãe aproveitava e dava...
(sentença + sentença)	Espera. O menino vem logo.

b. Não se aplica:

- artigo definido feminino em contração ou isolado:
 - ...a lã da ovelha era muito utilizada
 - ...além da utilidade de servir gente
 - ...venho da esquina agora.
 - ...compre a orquídea da janela.
- preposição
 - ...com respeito a exposições
 - ...refiro-me à orquestra

Do exposto se depreende que EL faz restrições ao apagamento de categorias morfológicas no âmbito da junctura interna, i. é, todo **a** que está por um morfema é preservado, sozinho ou em formas contraídas como **da** (de+a). Feita essa ressalva, voltemos à junctura externa, repetindo o que foi dito quanto à degeminação: a elisão tem como domínio maior o enunciado e como domínio menor o vocábulo fonológico.

2.2- Restrições rítmicas

Porque, neste caso, a vogal que apaga é a primeira V, necessariamente átona, pareceria à primeira vista estranho haver restrições para a direita, o que os dados parecem revelar. Observemos:

(24) a. Segunda V sem acento (com aplicação):

Eu estava **hospitalizado**

O animal **era** usado como meio de transporte.

De merenda **escolar** eu pouco entendo.

b. Segundo V com acento, mas sem choque acentual⁵ (com aplicação)

Ter uma boca pequeninha é ótimo.

A única solteira é exatamente a irmã de criação

Foi feita uma praça muito bonita

Ele não tinha outra solução

...agora ela foi a escola

...mastigava ervas todos os dias⁶

c. Com choque acentual (sem aplicar)

Ela toca órgão *tócórgão

...recebia hóspede todos os dias *recebióspede

O cão comia osso de galinha *comióosso

d. Sem choque acentual (sem aplicar)

cômoda óca *cômodóca

plácida órla *plácidórla⁷

O melhor contexto de aplicação da regra se encontra em (24a). Alguns obstáculos aparecem em (24b), que se resolvem pela omissão do acento da palavra funcional, incluído o verbo *ver*. Na verdade, a segunda V perde seu acento neste contexto como costuma acontecer muitas vezes com palavras das classes formais. Não está, pois, acentuada a segunda vogal. Mas (24c), em que aparentemente o choque acentual ofereceria resistência, apresenta forte rejeição ao processo, da mesma forma que (24d), onde o choque acentual não está mais em questão. Isso nos leva à conclusão de que, na verdade o impedimento é o acento da segunda V, pois a vogal elidida é sempre átona e fica à esquerda. Na verdade, os exemplos estão apontando para o fato de que a vogal acentuada seguinte faz obstáculos à elisão, restrição essa que encontramos também na degeminação, levando-nos a considerá-la como um requisito da regra de ressilabação que dá início aos processos de sândi em estudo.

Dissemos em linhas anteriores que existem duas alternativas de ressilabação e que, se as vogais não são idênticas, como neste caso, é a segunda, a regra geral, que tem vez. Acompanhemos:

(25) Ressilabação (segunda alternativa)

Condição: não incidir sobre a segunda vogal o acento primário

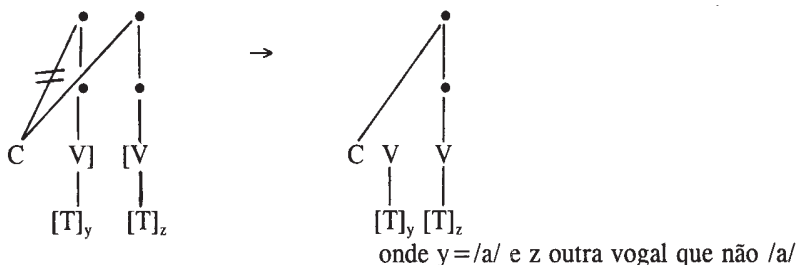
Domínio: unidade prosódica maior do que a palavra fonológica

⁵ Entende-se por choque acentual a seqüência de duas vogais portadoras de acento.

⁶ Embora aqui se esperasse a rejeição, o exemplo mostra que há casos em que o enfraquecimento de um acento primário em favor do mais forte à direita, que se torna o principal, abre caminho para a regra, tal como foi observado na degeminação.

⁷ Necessariamente coincide com proparóxitonas.

a. Primeira operação

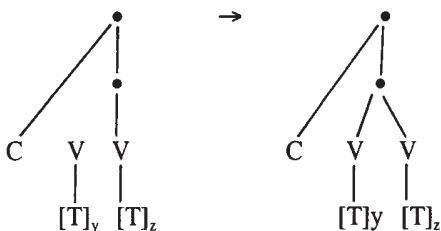


O cruzamento de linhas que a representação mostra, que ocorre no nível abstrato dos constituintes da sílaba, não contradiz o princípio de ligamento, "Linking Constraint Principle", de Goldsmith (1976), pois o princípio diz que linhas cruzadas não podem ocorrer no nível da melodia, quando as estruturas de superfície começam a tomar corpo através dos traços fonéticos.

Esta regra desliga a linha de associação do nóculo da sílaba final da primeira palavra, e tem o efeito de apagar uma estrutura silábica inteira. E como usualmente acontece quando uma regra destrói estruturas internas inteiras, princípios de reassociação universal reorganizam a sílaba de acordo com os padrões da língua.

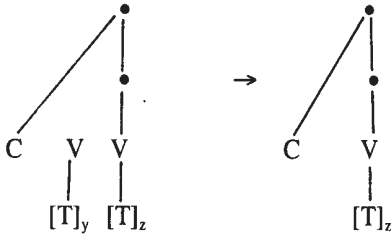
(26) Ressilabação

Segunda operação: Reassociação



A regra (26) ajusta o elemento flutuante à rima disponível. O resultado, na linha prosódica, i.é, na linha CV é a estrutura de um ditongo, definido como duas vogais sob o domínio do mesmo núcleo. Mas se a regra de reassociação (26) deixar de operar, então a Teoria determina que a vogal flutuante seja apagada. É, pois, "Stray Erasure", Apagamento do Elemento Extraviado, que explica a elisão:

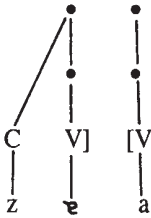
(27) Elisão



Consideremos agora em (28) comparativamente DG e EL, colocadas uma ao lado da outra. As duas últimas frases não permitem que o processo final venha a cabo: *casa azul, casa usada, casa alta, casa única*.

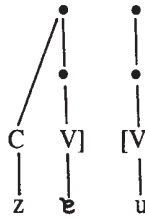
(28) Estruturas iniciais

a.



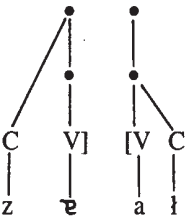
casa azul

b.



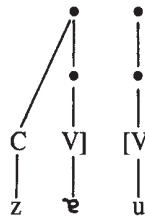
casa usada

d.



casa alta

c.



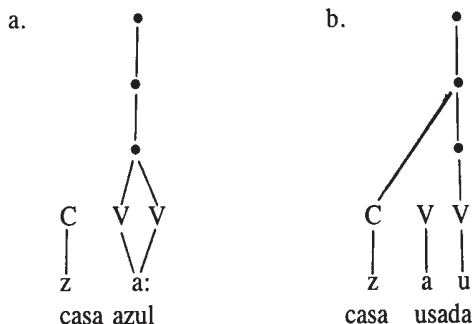
casa única

Se na fronteira vocábular se encontrarem duas vogais idênticas, o processo de simplificação de sílabas começa pela fusão no nível melódico das vogais idênticas que leva a reduzir duas sílabas a uma só (29a). De outra forma, em conformidade com os princípios de silabação (e de ressilabação), a primeira operação, chamada Silabação de Base, junta o ataque à sílaba, em seqüência segmental escandida dentro do princípio

da sonoridade máxima, onde o mais sonoro é o núcleo (29b). Quando, após essa operação, ficarem elementos soltos, o processo de ressilabação é novamente chamado, e os mesmos passos são atendidos, como vimos anteriormente. Observemos que, se a segunda ressilabação não ocorrer, a regra de Apagamento do Elemento Perdido (Stray Erasure), que elimina, ao fim da derivação, elemento não integrado prosodicamente,⁸ faz desaparecer o V flutuante, completando-se desta forma a operação que convencionalmente denominamos Elisão. Se, ao contrário, a vogal for reassociada, então um ditongo decrescente emerge.

(29) Ressilabação (primeira operação)

Em virtude de OCP, (29a) submete-se à fusão, no plano da melodia e em consequência à fusão das sílabas. Por outro lado, em (28b) com picos silábicos não alterados, o processo começa pela reassociação do ataque à segunda sílaba.



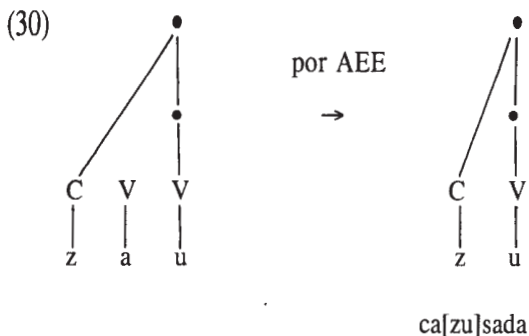
d. bloqueado(cf.11)

e. bloqueado(cf.24)

Restrição da segunda vogal acentuada

Neste ponto, (29a) está pronta para o encurtamento e (29b) forma um ditongo, resultando do primeiro [kazazúl] e do segundo [kazawzáda]. Porém, se a reassociação deixar de operar, permanecendo uma vogal flutuante, como em (29b), do que (29a) fica protegida pelo princípio do contorno obrigatório, que funde em uma só melodia dois segmentos idênticos imediatos, então frases do tipo *casa usada* ficam sujeitos à "Stray Erasure", Apagamento do Elemento Extraviado (AEE), produzindo-se a elisão, tal qual (30) representa:

⁸ Detalhes sobre "Stray Erasure", ver em Itô, 1988.



As estruturas plausíveis mostram que DE é permitido em (28a) porque as vogais são idênticas e que EL tem sua vez em (28b), se a derivação parar na primeira silabação. De outra forma emerge um ditongo. Dessas derivações resultaram [kàzazúl], [kàzuzáda] ou [kàzawzáda], mas não *[kazálta] de (28c) nem *[kazúnica] de (28d). As formas asteriscadas são impossíveis porque o processo em estudo, que faz restrição à segunda V acentuada, foi bloqueado na primeira operação.

EM SUMA, a degeminação assim como a elisão são decorrentes de mecanismos relacionados à ressilabação com conseqüências prosódicas, quando do encontro de duas vogais em fronteira de vocábulos, desde que certas condições sejam preenchidas. Se forem incorporadas as duas vogais à mesma sílaba, abre-se a possibilidade da degeminação sob condição de identidade melódica; do ditongo, garantida a dissimilaridade; da elisão, esquecida a vogal flutuante. Tais regras estão envolvidas com a perda de uma estrutura silábica sob a condição de não ser acentuada a segunda vogal.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Joaquim Brandão de. Phonological conditions on Portuguese clitic placement: on syntactic evidence for stress and rhythmical patterns. *Linguistics* 27, 1989:405-436.
- CLEMENTS, GN. and S.J. Keyser. *CV phonology: a generative theory of the syllable*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1983.
- GOLDSMITH, John. *Autosegmental phonology*. Ph Dissertation, MIT 1976.
- ITÔ, Junko. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. Ph Dissertation. University of Massachusetts, 1988.
- LEBEN, William. *Suprasegmental phonology*. Ph Dissertation, MIT 1973.
- MASCARÓ, Juan. On the Form of Segmental Deletion and Insertion Rules. *Probus* 1.1, 4989:31-61.
- NESPOR, Marina and Irene Vogel. Prosodic Domains of External Sandhi In: Hults, Harry van der and Norval Smith (eds). *The structure of phonological representations (Part I)*. Foris Publications. 1982:25-255.

NESPOR, Marina and Irene Vogel. *Prosodic Phonology*. Foris Publications, 1986.

NESPOR, Marina. Vowel degemination and fast speech rules: *Phonology Yearbook 4*: 1987, 61-85.

ODDEN, David. Anti-antigemination and the OCP. *Ling. Inquiry 19*, 1988:451-476.

SOUZA DA SILVEIRA. *Fonética Sintática* Edições da "Organização Simões", Rio, 1952.

WETZELS, Leo. Phonological Timing in Ancient Greek. In: Wetzels, Leo & Engin Sezer (eds.). In: *Studies in Compensatory Lengthening*. Dordrecht, Foris, 1986: 297-344.